

# ESPACIALIZAÇÃO DA OFERTA TURÍSTICA EM SÃO PAULO: REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO ECONÔMICO E EFEITOS NO APAGAMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE

*Spatialization of the tourist offer in São Paulo: reflections about the commerce and effect on erasure of the city's cultural heritage*

## Reinaldo Miranda de Sá Teles

Geógrafo. Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Pós-doutor em Urbanismo. Professor titular do curso de turismo da ECA (São Paulo, SP, Brasil), orientador credenciado do DIVERSITAS (Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da FFLCH da USP).

## Victor Aquino Gomes Correa

Publicitário. Doutor em Ciências (USP). Pós-doutor em História da Arte. Professor titular de turismo da ECA (São Paulo, SP, Brasil), orientador credenciado do DIVERSITAS. Autor: [www.victoraquino.com](http://www.victoraquino.com)

## Resumo

Considerando que o turismo pouco tenha sido discutido sob a ótica do espaço urbano em cidades brasileiras, este artigo buscou analisar a distribuição dos elementos que compõem a oferta turística, especialmente na cidade de São Paulo com foco no movimento de eventos, negócios e as características dos espaços de lazer relacionados ao patrimônio histórico cultural da cidade. Na tentativa de melhor compreender o turismo da cidade e as estratégias de divulgação utilizadas para sua promoção, o artigo analisa a importância da distribuição dos equipamentos e a conectividade da oferta turística para um melhor entendimento do processo de "turistificação" da cidade. Com base em teorias de organização do espaço, buscou-se indicar proposições para análise da prática do turismo urbano alicerçadas em indicações teóricas de base geográfica.

**Palavras-chave:** Turismo. São Paulo. Espaço Urbano. Patrimônio Cultural.

## Abstract

Taking that there has been little discussion of tourism from the perspective of urban space and cultural heritage in Brazilian towns, this paper aims to analyze the distribution of the elements that make up a tourism offer, especially in the city of São Paulo focusing on events/exhibitions, commerce and the characteristics of the city's leisure attractions related to this heritage. In an attempt for a greater level of understanding of the city's tourism and the dissemination strategies used for its promotion, here is analyzed as the importance of equipment distribution and tourist supply connectivity for an insight of the city's tourism process. Based on theories of space organization, this work indicates propositions for the analysis of urban tourism practice focusing on theoretical indications of geographical basis.

**Keywords:** Tourism. City of Sao Paulo. Urban Space. Cultural Heritage.

## Sumário

Considerações finais; Lista de abreviaturas e siglas; Referências

O processo de espacialização está relacionado às políticas econômicas que se refletem nas diferentes partes do mundo com intensidades variáveis. De acordo com Teles (2007, p. 185), a ocupação do espaço da cidade reflete a condição de produção a que ela está submetida. Ainda para esse autor, entender a evolução de algumas funções urbanas e o mecanismo de produção inserido nos limites territoriais das cidades requer uma análise integrada das diversas atividades presentes (TELES, 2007). As condições socioeconômicas dos países interferem na organização dos mais diversos setores, entre os quais o Turismo. O processo de globalização da economia trouxe, de certa maneira, a padronização dos componentes do mercado, dentre os quais o turismo. Convém destacar a oferta, que atrai fluxos turísticos de áreas desenvolvidas para outras, subdesenvolvidas.

O que se observa, no caso das cidades globais, dos países desenvolvidos, é um mercado turístico muito integrado, apresentando uso maximizado dos elementos que compõem a oferta turística. Já nos países subdesenvolvidos, nota-se grande dificuldade no ordenamento da atividade enquanto setor produtivo, ou seja, em muitos casos, as políticas e os programas chegam a ser definidos, no entanto, os efeitos são muito lentos e, por vezes, imperceptíveis.

A consequência dessa condição, pelo menos no caso da América Latina, pode ser, em parte, justificada pelo modelo do crescimento econômico. Motta (2004) argumenta que, a partir de meados da década de 1970, ao buscarem uma alternativa ao modelo de crescimento voltado para dentro, por meio da industrialização substitutiva aplicada durante várias décadas, os países latino-americanos começaram a aderir, com convicções e intensidades variáveis, às recomendações de alguns organismos multilaterais (especialmente do Fundo Monetário Internacional – FMI, e do Banco Mundial). Os países desse bloco preconizavam a realização de um conjunto de reformas estruturais a fim de restabelecer a competitividade e o crescimento. A receita do FMI, cujas raízes teóricas e ideológicas podiam ser encontradas na ortodoxia econômica neoclássica da Escola Monetarista de Chicago, obteve, posteriormente, amplo apoio político, sob o rótulo de Consenso de Washington, e adquiriu ressonância pública por meio da polissêmica denominação de “modelo neoliberal” (MOTTA, 2004).

Mattos (2004, p. 157) observa que, diante dessa política, começou a ser aplicada nesses países, uma estratégia destinada a produzir profunda reestruturação (ou “ajuste” estrutural) das respectivas economias nacionais. Esse fato justifica os diferentes arranjos urbanos que, ainda hoje, existem nas grandes cidades mundiais, e que se refletem diretamente no Turismo. Para Mattos (2004), os processos de reestruturação em que a difusão e a adoção das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) desempenharam papel fundamental, significaram a progressiva incorporação desses países à dinâmica da globalização, assentando as bases para uma nova fase de modernização *stricto sensu* (MATTOS, 2004).

Para Sassen (1998), as cidades globais são lugares adequados para os serviços avançados e para as telecomunicações necessárias à implementação e gerenciamento das operações econômicas globais. Cidades globais tendem a concentrar as matrizes das em-

presas, sobretudo daquelas que operam em mais de um país. Além disso, o crescimento do investimento e do comércio internacional e a necessidade de financiar e prestar serviços a essas atividades impulsionam essas funções nas grandes cidades (SASSEN, 1998). A situação exposta por Sassen é gerada pela infra-estrutura. Neste caso, no entanto, a oferta turística na qual se incluem a hotelaria e os centros de eventos, se fecha no campo do circuito empresarial. Assim, esses componentes integram a infra-estrutura projetada para os centros de negócios das cidades globais.

A cidade de São Paulo, por exemplo, passou por um processo de reestruturação e, junto com as demais grandes e médias cidades brasileiras, promove o Brasil no contexto da globalização na medida que abriga serviços do setor produtivo que se integra à economia mundial. No entanto, a cidade não é conhecida e tampouco divulgada como destino turístico pertencente a um mercado exclusivo de cidades que estão entre as maiores do mundo.

Uma discussão fundamental, na literatura sobre cidades é que:

A combinação da dispersão geográfica das atividades econômicas e da integração dos sistemas, que está no centro da atual era econômica, contribui para o papel estratégico desempenhado pelas grandes cidades. Em vez de se tornarem obsoletas devido à dispersão que as tecnologias da informação possibilitaram, as cidades concentram funções de comando. (SASSEN, 1998, p. 36-37).

A essa questão, Sassen acrescentou duas funções às cidades, sendo apenas parte delas adequadas à cidade de São Paulo, submetendo pontos da cidade à exclusão do processo produtivo. As duas funções propostas por Sassen (1998), são:

As cidades são locais de produção pós-industrial para as principais indústrias desse período, para o setor financeiro e os serviços especializados; as cidades são mercados multinacionais, onde empresas e governos podem adquirir instrumentos financeiros e serviços especializados [...].

No caso de São Paulo, a segunda proposição não é tão autônoma assim, quando se trata do capital privado, sobretudo em relação aos empresários que estão voltados para o segmento do turismo. Exceto o setor de hospedagem e de espaços para grandes eventos, poucas empresas possuem capital para investimentos significativos no setor.

Diante do cenário descrito por Sassen (1998), houve uma revalorização do papel das áreas metropolitanas (AMP). A cidade de São Paulo cresceu e se expandiu acompanhada de uma transformação que parece seguir a mesma direção observada nas grandes cidades dos países desenvolvidos.

A cidade de São Paulo sofre hoje um processo de fragmentação que é bastante visível quando se analisa o mercado produtivo da cidade. Sassen (1998, p. 36) destaca que:

A dispersão geográfica das fábricas, escritórios e instalações destinadas à prestação de serviços e a integração de um número crescente de mercados de ações no mundo inteiro poderia ter sido acompanhada de uma correspondente descentralização do controle das funções fundamentais.

No caso de São Paulo, este fato condiciona alguns espaços à obsolescência ou a um uso pouco significativo, devido à negligência a que são submetidos, comprometendo sobremaneira estruturas urbanas já existentes, assim como, atrativos que são responsáveis pela identidade dos lugares. No caso dos países desenvolvidos, o Estado geralmente estabelece programas de recuperação em consonância com potenciais investidores e estruturam áreas

urbanas comprometidas.

Essa negligência e a obsolescência acelerada, muito comum nos países subdesenvolvidos, segundo Sassen (1998), produzem vários espaços para a reconstrução do centro, de acordo com os requisitos dos regimes de acumulação urbana e com os padrões de organização espacial da economia urbana que prevaleçam em determinado momento.

Ao contrário do que acontece em São Paulo, os centros urbanos das cidades da Europa são muito mais protegidos pelo poder público e, ainda segundo Sassen (1998), raramente têm extensões significativas de espaços abandonados.

Com base nos estudos de Sassen (1998, p. 124), a expansão dos locais de trabalho e a demanda de prédios “inteligentes” terão de ocorrer necessariamente e, em parte, fora dos centros antigos:

Um dos exemplos mais extremos é *La Defense*, enorme complexo de escritórios construídos fora de Paris para evitar que se prejudicasse o espaço já construído na capital. É uma instância explícita da política e do planejamento do governo, cujo objetivo é ir ao encontro da crescente demanda de um espaço para escritórios bem localizados e de alta qualidade.

A mesma autora aponta, como sendo um estudo de referência, utilizado para expandir os centros, o caso das Docas de Londres. Essa região portuária, vasta e pouco usada, tornou-se local de um projeto de desenvolvimento para atender a uma crescente demanda de espaços para escritório em uma região central (SASSEN, 1998). O que se observa, nesses dois casos, é que, os espaços, pela sua condição de não uso, poderiam prejudicar a funcionalidade e a imagem das cidades, mas são reaproveitados e recebem novas funções, fato que deve ser atribuído às políticas urbanas ali definidas.

De acordo com Mattos (2004, p. 158), numerosas pesquisas e estudos realizados nos últimos anos sobre os alcances, magnitudes e modalidades dessas transformações em diversas AMP latino-americanas aportam elementos de juízo para caracterizar e comparar sua evolução com a dos países de maior desenvolvimento.

Parece importante discernir diante do quadro circunstanciado, quais dessas transformações podem ser atribuídas ao avanço da globalização e quais delas são fruto de uma evolução inerente à particular e específica dinâmica interna de cada cidade. Como afirma Prévôt-Schapira *apud* Mattos (2004, p. 158), e de acordo com os exemplos aqui discutidos, para estes autores “a globalização não determina uma lógica única de espacialização das atividades; existem formas específicas ligadas aos processos endógenos de produção da cidade”.

Isto é, para além das transformações derivadas dos impactos da globalização, evidencia-se a persistência da identidade particular de cada cidade, que se manifesta tanto na idiosincrasia de seus habitantes como na configuração e morfologia básicas, em sua arquitetura, paisagem urbana etc. (MATTOS, 2004).

Ainda conforme Mattos (2004, p. 158) as notórias e conhecidas diferenças entre Paris e Londres, ou entre Buenos Aires e São Paulo, ilustram essa afirmação; não parece provável que os efeitos da globalização possam fazer com que essas cidades evoluam para um

mesmo tipo de identidade e imagem urbana.

A condição de particularidade das cidades no contexto da globalização é o que se pode apontar como diferencial na composição do produto turístico, daí a dificuldade em se caracterizar o Turismo Urbano. O que se percebe é que, diante da diversidade de produtos ofertados pelas diferentes cidades, o Turismo Urbano deve ser descrito a partir dos elementos que compõem a oferta técnica e a oferta agregada. Assim definindo-se, os segmentos que mais se destacam nesta modalidade, podendo evoluir para configuração do *DNR – Distrito de Negócios de Recreación*.

Com base no movimento de turistas e da organização da oferta para fins turísticos, alguns autores descrevem a formação do *DNR* como uma parte da cidade onde existe um conjunto de restaurantes, negócios de entretenimento, lojas, artesanato e lembranças, sendo que todos os elementos buscam satisfazer os turistas.

Estudos dessa natureza que mostram a conectividade dos elementos da oferta num dado espaço para fins de definição do *DNR* foram elaborados por Stanstifield e Ricket *apud* Smith (1989). Estes autores pesquisaram a formação do *DNR* em três distritos: Nova Jersey, EUA; Pueblos de La Costa; Las Cataratas Del Niágara, Canadá. Onde, os autores identificaram um padrão que interpretaram como o resultado da combinação das rotas principais de acesso que culminou na construção de uma rota turística central (praia ou catarata). O distrito de recreação tomou forma, centrando-se seu ponto no que diz respeito ao ingresso dos viajantes e em outro no que se refere à atração. Esses dois pontos atendem os três distritos nos termos de Stanstifield e Ricket (*apud* SMITH, 1989).

Para esta pesquisa é importante destacar que, conforme apontam Stanstifield e Ricket, os distritos foram originais, já que se interpuseram entre a atração turística central e o CBD, envolvendo os moradores no processo. Os autores também observaram algumas variações no ambiente local, nos tipos e na qualidade das lojas dispostas ao redor, alcançando valor máximo de intersecção entre o CBD e o *DNR* (STANSTIFIELD; RICKET *apud* SMITH, 1989).

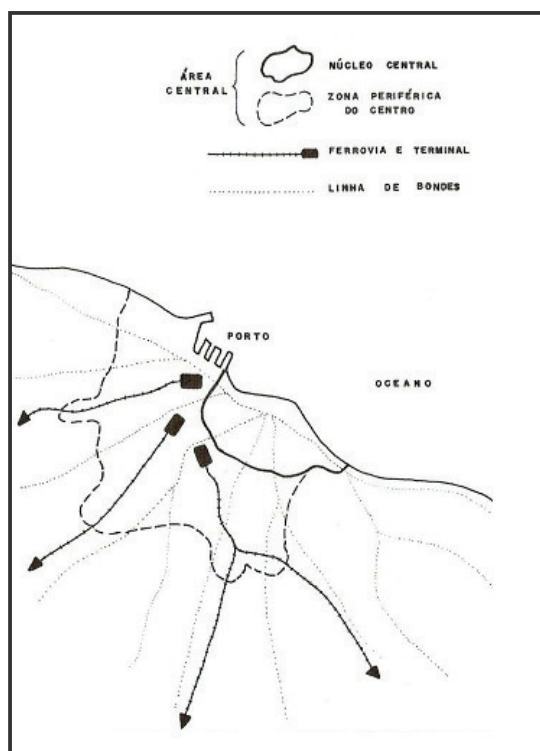
Taylor (1995) examinou no leste de Londres e no Sul da África, o *DNR* definido por ele como a distribuição de hotéis e outros alojamentos turísticos, cafés, lojas de souvenirs, teatros, parques de diversão, restaurantes, casas de banhos públicos e aquários. Taylor (1995) traçou um mapa naquelas quadras da cidade que teriam pelo menos 50% de espaço destinado para essas empresas.

No caso de São Paulo, é possível identificar o CBD, embora se reconheça certa fragilidade entre hotelaria e atrativos e, em menor grau, entre hotelaria e centros de eventos. Neste último aspecto, a conectividade se manifesta muito mais pela necessidade de atender ao turista que vem a negócios, do que em razão dos incentivos que poderiam ocorrer por parte das iniciativas públicas.

Conforme Corrêa (2004), a área central aparece configurada de modo segmentado, com dois setores: de um lado, o núcleo central (*core, Central Business District*, ou CBD), e, do outro, a zona periférica do centro (*frame, zone in transition*, zona de obsolescência). A

Figura 1 indica a localização desses dois setores em uma cidade hipotética, correlacionando-os com os transportes inter-regionais e intra-urbanos (CORRÊA, 2004).

Figura 1: Convergência de transportes e a aérea central



Fonte: Corrêa, 2004.

O esquema representado por Corrêa (2004) embora se refira a uma região portuária, ilustra o modelo seguido à criação do CHT, onde todas as atividades convergiam para a área central.

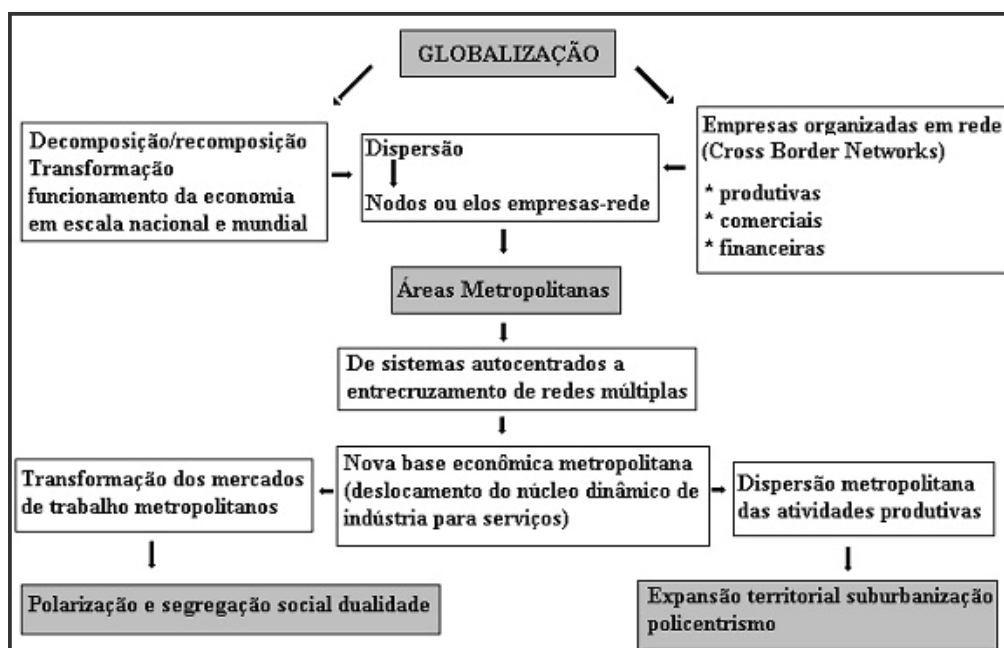
Na cidade de São Paulo a partir da área central ou CBD, ocorreu a evolução da malha urbana e suas respectivas redes e nodos. Conforme a teoria já descrita, a política de desenvolvimento definida para o conjunto dos países latino-americanos justifica o modelo da cidade de São Paulo.

O exemplo de São Paulo confirma as ideias de Mattos (2004). Para esse autor, do ponto de vista da produção, o processo iniciado a partir de 1970, sob o influxo simultâneo e intensamente inter-relacionado à reestruturação produtiva, transformou a organização e o funcionamento das principais aglomerações metropolitanas latino-americanas, afetando tanto suas articulações externas como sua própria dinâmica e configuração interna (MATTOS, 2004, p. 159).

Esse fato mostra que a tendência identificada na cidade de São Paulo, respeitando suas particularidades, segue a mesma direção do que ocorre nas metrópoles dos países desenvolvidos.

A figura 2 mostra como se encontra o sistema de produção que desencadeia a reestruturação das cidades globais, que tem sido muito comum nas grandes cidades. Dos países latino-americanos, cidades como Santiago, Buenos Aires, Cidade do México, Montevideu, São Paulo e Lima atualmente concorrem para serem grandes destinos de Turismo Urbano.

Figura 2: Globalização e o novo sistema produtivo



Fonte: Mattos, 2004.

A figura 2 mostra como a mudança de estratégia macroeconômica favoreceu o avanço e o aprofundamento da reestruturação, informacionalização e globalização em diversas cidades globais, o que justifica a preferência pela AMP e, conseqüentemente, uma mudança estrutural nas cidades, como São Paulo. A reestruturação das atividades de negócios desencadeou uma infra-estrutura de ordem geral e também adequada para a prática do turismo na cidade. Alguns pontos da cidade, no entanto, como a região CHT, foram relegados ao abandono pelo sistema vigente.

Por outro lado, a falta de conexão, conseqüência do modelo produtivo calcado em raízes teóricas, que representaram a política neoliberal, “desligou” parte da cidade do grande capital financeiro, colocando a região central (CHT) numa condição de miséria, fato que comprometeu sobremaneira a identidade da cidade.

Para Boullón (2002), a concentração dos turistas em alguns pontos das cidades converte as cidades em microeconomias especializadas. A especialização econômica das localidades ocorre em conseqüência da concentração de serviços específicos para atender as necessidades dos turistas durante sua permanência nesses locais. De acordo com Boullón, a grande quantidade de empresas prestadoras de serviços turísticos, combinadas com as empresas que participam da elaboração dos produtos turísticos locais, une-se para abranger todos os insumos que interagem no sistema turístico (BOULLÓN, 2002).

A oferta da cidade mantém uma série de ligações com o mundo exterior a ela, além da relação de conexão interna entre os elementos que a compõem. Tais ligações envolvem fluxos de capitais, mercadorias, pessoas e idéias. A evolução do desenvolvimento espacial da cidade de São Paulo, reflexo da estruturação, da rede urbana brasileira apresenta-se em forma de eixos. Os investimentos programados para a cidade, contribuíram para redesenhar o território e, redefinir o sistema da cidade, proporcionando a conectividade entre alguns

espaços onde se inserem a rede hoteleira, os atrativos e os centros de eventos.

Conforme Corrêa (2004), o núcleo central, das cidades, em geral, assumiu suas características, na segunda metade do século XX, quando o processo de centralização já não mais desempenhava o papel relevante que tinha no passado. Horwood e Boyce (*apud* CORRÊA, 2004) destacam elementos que desencadeiam a reestruturação dos espaços urbanos e que, conseqüentemente, geram novas centralidades. Essas proposições que contribuem para a nova centralidade nas cidades globais são:

- **Uso intensivo do solo.** Trata-se da área da cidade de uso mais intensivo, com maior concentração de atividades econômicas, sobretudo do setor terciário. É aí que se encontram os mais elevados preços da terra, justificando-se assim a intensidade do uso do solo.

- **Ampla escala vertical.** O núcleo central apresenta-se com a maior concentração vertical, facilmente distinguível na paisagem urbana. A presença de edifícios de escritórios, juntos uns aos outros, viabiliza as ligações interpessoais vinculadas a negócios. A escala vertical de crescimento é o primeiro sintoma de apagamento dos espaços públicos, incluindo tudo que é visto e que se pode ver, inclusive o patrimônio cultural.

- **Limitado crescimento horizontal.** Sua expansão se faz, sobretudo, por uma mais acentuada verticalização, demolindo-se prédios mais antigos, substituindo-se por outros mais elevados.

- **Foco de transportes intra-urbanos.** É o ponto de convergência do tráfego urbano e, em muitos casos, o ponto de baldeação para bairros situados ao longo de diferentes direções.

- **Áreas de decisão.** No núcleo central localizam-se as sedes sociais ou escritórios regionais das principais empresas que atuam na cidade e em sua região de influência. O Estado tem aí muitas de suas instituições. É assim o ponto focal da gestão do território. Essas áreas de decisão resultam, em primeiro lugar, no quase aniquilamento do aparelhamento cultural, no qual se insere grande número de patrimônios arquitetônicos. Vendo-se, por exemplo, em São Paulo, quase todo o espaço resultante do que já foi o Pátio do Colégio e seu entorno, completamente transformado em prédios públicos em uso.

Diante das proposições de Horwood e Boyce, a Área Central tem sofrido o efeito, desde a década de 1920, e, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, de um crescimento espacialmente descentralizado. De fato, atividades que, até então estavam centralmente localizadas, foram transferidas ou criadas fora da Área Central. O processo de descentralização implicou em características de “limitado crescimento horizontal”, tanto do núcleo central como na zona periférica ao centro (HORWOOD; BOYCE *apud* CORRÊA, 2004, p. 40). Os terrenos vagos existentes neste último setor e, que em São Paulo têm sido muito procurados para instalação de centros de eventos – Center Norte, Imigrantes, Transamérica – explicam-se em parte, pela descentralização, que, de certo modo, esvaziou a zona periférica do centro e que estão interligados por um conjunto de avenidas.

A tendência da Área Central, especialmente do núcleo central é, também, a de rede-



finição funcional, tornando-se foco prioritário das atividades de gestão e de escritórios de serviços especializados, enquanto o comércio varejista e certos serviços encontram-se dispersos pela cidade. Questiona-se, então, até que ponto a Área Central não é uma herança do passado, não sendo mais inteiramente necessária para o capitalismo em sua fase atual (CORRÊA, 2004, p. 44).

No caso da cidade de São Paulo, a centralidade observada a partir do centro era ressaltada como um elemento particular da estrutura urbana, pois se evidenciava nela a importância da cidade que era, a partir dela, norteada. O CHT representava a célula-mãe para que, a partir dele, a cidade pudesse estabelecer contato com o seu entorno e no atual momento, é discutido e busca ser valorizado para assumir novas funções.

O turismo na cidade de São Paulo já é uma realidade, destacando-se entre as principais funções. Muito mais poderá ser feito se forem tomadas medidas para melhorar alguns aspectos como, por exemplo, a oferta turística. Disso resultará uma imagem positiva e verdadeira que possa ser assimilada por aqueles que procuram esse destino.

Segundo Boullón (2002), trabalhar com a imagem das cidades turísticas, representa um desafio, pois, as mais expressivas optaram por reduzir sua imagem gráfica à menor quantidade possível de edifícios e monumentos. Para exemplificar, o autor cita alguns exemplos: Torre Eiffel, em Paris; Catedral de São Pedro, em Roma; e Trafalgar Square, em Londres, (BOULLÓN, 2002).

Em São Paulo, metrópole global, que apresenta mercado com dimensão e grau de diversificação produtiva notável, torna-se necessário potencializar sua inserção no cenário mundial enquanto destino turístico e, valorizar os componentes da oferta de modo à melhor organizar este setor na cidade.

A condição de metrópole da cidade de São Paulo permitiu sua inserção no grupo de cidades globais, o que lhe confere condições parciais para a prática da modalidade Turismo Urbano. A infra-estrutura necessária ao sistema produtivo vigente, somada aos aspectos históricos culturais que se inserem na paisagem urbana, confere à cidade condições para o desenvolvimento do Turismo, no entanto, verifica-se o fortalecimento de apenas alguns segmentos que compõem a modalidade em questão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A condição de metrópole da cidade de São Paulo permitiu sua inserção no grupo de cidades globais, o que lhe confere condições parciais para a prática da modalidade Turismo Urbano. A infraestrutura necessária ao sistema produtivo vigente, somada aos aspectos históricos culturais que se inserem na paisagem urbana, confere à cidade condições para o desenvolvimento do Turismo, no entanto, verifica-se o fortalecimento de apenas alguns segmentos que compõem a modalidade em questão. Diante do que foi verificado, recomenda-se mais atenção e reconhecimento por parte do poder público e da iniciativa privada para uma ação conjunta em relação a todos os acontecimentos da cidade, como feiras, eventos, congressos, fluxo de turistas e infra-estrutura de ordem geral. Esses acontecimentos poderiam servir de base para se refletir positivamente sobre o processo de construção espacial,

capaz de gerar uma prática de Turismo Urbano com mais qualidade e valorização do patrimônio histórico Cultural que, geralmente, na periferia do sistema, encontra-se em áreas de obsolescência.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMP – Áreas Metropolitanas Principais

CBD – Central Business District

CHT – Centro Histórico Tradicional

DNR – Distrito de Negócios de Recreação

FMI - Fundo Monetário Internacional

NTIC - Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

## REFERÊNCIAS

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

BOULLÓN, Roberto C. **Os municípios turísticos**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

CORRÊA, Roberto L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1997.

MATTOS, Carlos A. de. Redes, nodos e cidades: transformação da metrópole latino-americana. *In*: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz (org.). **Metrópoles: entre a coesão fragmentação, a cooperação e o conflito**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MOTTA, Diana Meirelles. As metrópoles e os desafios da política urbana. *In*: RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz (Org.). **Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda., 1998.

SMITH, Stephen L. J. **Tourism Analysis**. USA: Longman Scientific & Technical, 1989.

TAYLOR, V. **The recreating business district: a component of the East London urban morphology**. Papers of the Regional Science Association, 1995.

TELES, Reinaldo Miranda de Sá. **Turismo Urbano na cidade de São Paulo: a importância de alguns segmentos e seus reflexos na configuração do espaço**. Revista Turismo em Análise. Editora ALEPH, São Paulo, 2007.

Recebido em: 26/12/2019

Aceito em: 19/08/2020